

"Ancestralidade, transmutação e resistência: Uma Análise de 'Uma História de Amor e Fúria' sob as perspectivas de Ailton Krenak em 'Cartografias para o Fim' "

A frase "Viver sem conhecer o passado é andar no escuro" introduz um filme que narra as histórias de um jovem em busca dos prazeres do amor e das tribulações enfrentadas nessa jornada. Como um chamado que evoca a ancestralidade que nos perpassa, a animação apresenta diversas perspectivas de um mesmo personagem na busca pelo amor. Com o auxílio do autor Ailton Krenak, buscarei nesta análise traçar meios de reflexão quanto à condição do sujeito desejante em meio à colonização, à ascensão do capitalismo e à necropolítica. Essa história é uma reflexão sobre a resistência cultural e política ao longo da história do Brasil, utilizando o personagem de Abeguar/Balaio/Cau/João Cândido para explorar temas como colonização, escravidão, resistência indígena e luta contra regimes autoritários.

No livro "Futuro Ancestral" de Krenak (2022), mais precisamente no segundo capítulo, onde são apresentadas as "Cartografias para depois do fim", algumas citações trazem à luz pontos de flexão entre os dramas vivenciados pelo personagem principal do filme "Uma História de Amor e Fúria" e a incessante busca por resistência e sobrevivência às consequências do capitalismo. Abeguar, um indígena da etnia Tupinambá, situado na película em meados do ano 1566 em Guanabara, desenrola sua trama na sina que lhe é dada. O filme conta que os jovens Tupinambás só chegam à idade adulta a partir de um ritual de iniciação. Solto na mata, o jovem, até então criança, só se torna adulto ao retornar à aldeia trazendo consigo uma onça morta a próprio punho.

Em busca do feito, Abeguar se embrenha no mato e é surpreendido por uma onça; no entanto, envolta na pele do animal está Janaína, amor de Abeguar. Após o encontro, outra surpresa: detrás de um arbusto, uma onça preta pula em direção aos dois, que fogem incessantemente até que se veem diante de um precipício. Entre o abismo e a fera, Abeguar se vê num dilema para salvar-se com seu amor. Na fé cega dos que amam, põe Janaína em suas costas e se joga, transformando-se em ave e voando. Daí em diante, como profecia, recebe do Pajé de sua tribo e Muiã, o ancestral da floresta, a responsabilidade de livrar seu povo da morte, o temido Anhangá. No entanto, é advertido de que só retornaria a se transmutar do corpo de gente em pássaro quando

entendesse o propósito que lhe foi dado; enquanto não, seria incapaz de morrer, retornando à sua luta sempre. Abeguar havia se tornado o Guerreiro Imortal.

Em uma narrativa que atravessa séculos, Abeguar renasce como Balaio, um negro livre que ajuda escravizados a alcançar a liberdade em quilombos. Tem seu destino atravessado novamente por Anhangá, enquanto encabeçava a revolta contra os grandes latifundiários que financiaram o avanço das tropas do hoje conhecido exército. Mais tarde, como Cau, ele se envolve na resistência contra o regime militar no Brasil, sendo preso e posteriormente libertado, dedicando-se ao ensino de crianças em comunidades marginalizadas. Contudo, ele continua a enfrentar a opressão, agora personificada nas forças policiais que o emboscaram durante uma operação. Muito tempo adiante, num futuro distópico onde a água se tornou produto de luxo, Abeguar retorna como João Cândido. Agora, apesar de encarnar como um jornalista que denuncia a escassez de água potável e a monopolização desse recurso pelos mais abastados, João se encontra esvaído do sentido da sua luta, atrofiado pelo ciclo incessante de seu destino, não morrer.

Retomando o capítulo do livro de Krenak, encontramos concordância com as experiências do personagem que incessantemente se refaz em pássaro percorrendo os céus atrás de seu sonho, Janaína. Ailton nos diz em seu texto que, apesar de na atualidade toda perspectiva para o futuro estar atrelada à finitude, assim como Abeguar:

[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais.
(p. 37).

Essa perspectiva nos apresenta uma das problemáticas advindas da impregnação da perspectiva colonialista. Quando o único modo de interpretar e ser no mundo se adequa ao imperativo de usurpar, extrair e dominar advindos desse regime, a utilização do espaço lúdico do sonhar e prospectar o futuro se distorce, se atrofia. (KRENAK. 2022.)

Seguindo o texto de Krenak, encontramos a proposta bem articulada no filme: *No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração* (p. 40). Ainda utilizando o embasamento anterior, onde se defendem as possibilidades de criação e ressignificação oriundas da experiência onírica, encontramos uma ilustração da riqueza inscrita nessa possibilidade de transfiguração a partir do sonho, sendo representada na possibilidade de se transmutar em pássaro vivenciada por Abeguar e seus arquétipos. O sonho se apresenta figurado como uma possibilidade de transmutação e na continuidade que dele é proveniente para a busca da ressignificação das experiências passadas. (KRENAK, 2022.)

Krenak segue o fluxo, associado às perspectivas de Nego Bispo com o conceito das confluências, que nos sugere a possibilidade de agrupar experiências e perspectivas que não se nutrem apenas de um viés, mas sim da diversidade cultural que nos é possível. Em alinhamento ao conceito, interpreta que: *não precisamos ficar subordinados a essa mesma lógica*- e defende que dessa noção podemos ver que *se abrem possibilidades para outros mundos* (p. 42). Assim como nas vidas das personagens que ressoam do propósito de Abeguar, as possibilidades de mundo se diversificam; no entanto, em sua transmutação mora a possibilidade do novo, do diferente. (KRENAK, 2022.)

Essas possibilidades podem estar atreladas à experiência de liberdade que a condição de sonhar, refazer-se e ganhar novas formas de contornar as experiências são expostas na película a partir da transmutação do personagem em pássaro. Na conclusão de Krenak, encontramos uma perspectiva semelhante quando ele escreve que [...] *liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia da finitude* (p. 43). Utilizando um trecho da conclusão, deixo o convite ao livro e ao filme que podem nos instigar a compreender que talvez sonhar possa nos ajudar a transfigurar as possibilidades de pensar e refazer um futuro: *Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente [...]* (p. 43). (KRENAK, 2022.)

Um outro aspecto da trama que se alinha ao que é apresentado por Ailton desemboca na participação de Janaína nas histórias que são retratadas. Durante as passagens de Abeguar, Janaína estava no cerne da sua luta, trazendo em si a própria

representação do amor. Passou de um momento a outro da história se apropriando do seu lugar e criando um corpo próprio. Para Abeguar, trouxe a noção de que para sobreviver diante do abismo, sonhar em voar fosse uma possibilidade. Para Balaio, se tornou companheira na revolução regencial contra os abusos dos grandes fazendeiros empunhando um fuzil de agulha. Já para a realidade de Cau, Janaína se personifica como integrante de um grupo de guerrilheiros, ativa e articuladora do movimento. No futuro, para João Cândido, vem como uma prostituta para se infiltrar na alta cúpula dos super-ricos e dar início à revolução. Em todos os momentos das vidas de Abeguar, Janaína pode aparecer como uma personagem secundária, que está disposta a dar sentido à trama do protagonista. No entanto, seu papel se intensifica à medida em que se apropria do protagonismo, incidindo no último momento como a única via de acesso para os desígnios de Abeguar.

Nesse sentido, Ailton apresenta em seu texto que, para fugirmos da distopia que as experiências e prospecções de futuro centradas na perspectiva colonialista nos apresentam, as cartografias afetivas são essenciais. Pela via do afeto, ou pela ilustração de Janaína no filme, a personificação do amor, entender como essa relação afetiva de quem e como somos nesse mundo, pode nos impulsionar, nos inquietar e, talvez, partindo do movimento arriscado e radical que é se jogar do abismo por amor, possamos tomar as possibilidades criativas e espontâneas dos sonhos, nosso horizonte, nosso futuro.

Para concluir essa análise, é necessário ressaltar a importância de conectar as reflexões de Ailton Krenak com a narrativa de "Uma História de Amor e Fúria". As histórias de Abeguar/Balaio/Cau/João Cândido não são apenas uma linha do tempo de resistência, mas sim um testemunho da resiliência cultural e política frente às adversidades impostas pelo colonialismo, capitalismo e autoritarismo. Krenak, em "Futuro Ancestral", nos convida a não nos rendermos à narrativa de fim de mundo e a reconhecermos a força dos sonhos e da ancestralidade como meios de resistência e sobrevivência.

A trajetória de Abeguar ilustra essa resistência ao mostrar um sujeito que, mesmo confrontado com a violência e a opressão, encontra na sua capacidade de

transmutar-se e sonhar uma maneira de continuar lutando. A ideia de transformar-se em pássaro e voar simboliza a liberdade e a capacidade de transcender a realidade imposta.

Krenak também propõe, ao falar sobre cartografias afetivas, a importância do amor e das relações afetivas como formas de resistência e transformação. Janaína, em cada vida de Abeguar, representa essa força vital, sendo tanto um motivo de luta quanto uma parceira na resistência. Sua presença constante e evolutiva destaca a importância do afeto e da parceria na construção de um futuro que desafia a distopia.

Além disso, ao correlacionar as perspectivas de Krenak com a psicanálise, podemos entender que o resgate do sonho e da criatividade pode ser uma resposta ao trauma histórico e contemporâneo vivenciado pelas subjetividades periféricas. O processo de ressignificação das experiências traumáticas através da fantasia, como a de voar e ser um guerreiro imortal, não é meramente uma fuga, mas uma forma de sobrevivência e de elaboração de novas possibilidades de existência.

Assim, ao unir a narrativa do filme com as reflexões de Krenak, encontramos uma poderosa mensagem de que a resistência não se dá apenas através do confronto direto, mas também através da capacidade de sonhar, amar e reinventar-se. A conclusão a que podemos chegar é que, ao resgatarmos nossos sonhos e nossa ancestralidade, encontramos novas formas de enfrentar o presente e imaginar um futuro que não esteja aprisionado pelas narrativas de dominação e exploração.

Em última análise, "Uma História de Amor e Fúria" e "Futuro Ancestral" nos mostram que, apesar de todos os desafios, a transmutação e a resiliência são possíveis. E, como nos lembra Krenak, a metamorfose é o nosso ambiente, onde podemos, a partir do amor e dos sonhos, criar e recriar nossos mundos possíveis.

Referências:

- Krenak; Carelli, 2022. (2022), Futuro ancestral. São Paulo, Companhia das Letras.
- BOLOGNESI, LuiZ; GULLANE- UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA; Buriti Filmes; Lightstar, Rio de Janeiro, 2013. 1h 14m.

